

Mulheres Trabalhadoras Domésticas: Consciência e Emancipação

Caroline Angelo da Cruz ¹
Raquel Souza Lobo Guzzo ²

Resumo

Este artigo é fruto de um trabalho de Iniciação Científica, realizado entre 2007 e 2008, que se propôs a compreender o nível de consciência de mulheres trabalhadoras domésticas. Teve como objetivos: Conhecer a visão que mulheres trabalhadoras domésticas têm de sua condição social; Identificar níveis de consciência que este segmento social tem da sua realidade cotidiana e de formas de transformá-la. Este estudo tomou o materialismo dialético como referência metodológica, isto é, o modo de pensarmos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. Os resultados revelaram, a partir das entrevistas realizadas, semelhanças nas condições de vida das duas participantes desta pesquisa. Sendo uma das mais marcantes, o fato de serem migrantes nordestinas, que vieram em busca de melhores condições de vida. A partir das categorias de análise extraídas das entrevistas, encontramos contradições entre ações emancipatórias e um conformismo diante da realidade estabelecida.

Palavras chave: trabalhadoras domésticas, consciência, emancipação, alienação, fatalismo.

Introdução

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada entre os anos de 2007 e 2008 com a bolsa Pibic/CNPq, que buscou compreender o nível de consciência que mulheres têm de sua condição de trabalhadoras domésticas, em relação às suas vidas e como buscam a satisfação de suas necessidades. Para que isso fosse possível, tornou-se necessário o conhecimento das circunstâncias presentes nos contextos de vida, sobretudo em espaços sociais onde vivem. Teve, portanto, como objetivos específicos: (1) Conhecer a visão que mulheres trabalhadoras domésticas têm de sua condição social; (2) Identificar níveis de consciência de que este segmento social tem da sua realidade cotidiana e de formas de transformá-la.

Utiliza como referência metodológica o materialismo dialético, sendo assim, considera que a consciência das pessoas sobre suas vidas é constituída a partir de experiências sociais que conduzem à compreensão de unidades complexas de sentido relacionadas a elas.

Considerou-se de fundamental importância a escolha desta categoria trabalhista para análise devido a pelo menos três motivos. De ordem social, já que uma quantidade expressiva de mulheres exerce o trabalho doméstico enquanto profissão (que representava 18% da população feminina economicamente ativa 1997, são aproximadamente 4,8 milhões de mulheres, de acordo com Bruschini e Lombardi, 2000). Estas mulheres fazem parte da grande maioria da população que sofre com carências financeiras, materiais, educacionais, entre outras e neste trabalho estamos de acordo com Martín-Baró (1996^a) quando este afirma que o trabalho profissional do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a que deve atender, assumindo a perspectiva das maiorias populares optando por acompanhá-las no seu caminho histórico em direção à libertação. Pela importância que a profissão carrega em relação à questão de gênero, 93% da categoria de trabalhadores domésticos são mulheres, ainda segundo Bruschini e Lombardi, 2000, sendo que os outros 7% da categoria, que são homens, geralmente desempenham trabalhos como jardinagem ou como zeladores, ou seja, em um ambiente externo à casa e não interno como

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

historicamente foi imposto às mulheres e ainda hoje o é às trabalhadoras domésticas. E finalmente pela relevância pessoal que este trabalho tem para mim, já que sou fruto das lutas cotidianas de dois nordestinos que migraram em busca de melhores condições de vida, assim como a maioria das trabalhadoras domésticas. Considero muito importante pesquisarmos sobre a vida destas pessoas que migram, os motivos pelos quais migram, assim como Severino citado por Ciampa (2005) que tenta sobreviver a todo custo no sertão nordestino e não consegue. Deixa o sertão, como muitos nordestinos, e nos conta um pouco da vida ‘severina’:

‘E se somos Severinos
iguais em tudo na vida
morremos de morte igual:
mesma morte Severina.
Que é a morte de que se morre
De velhice antes dos trinta,
De emboscada antes dos vinte,
De fome um pouco por dia’ (Ciampa, 2005, p. 32)

Contar a ‘vida severina’, seja ela no sertão ou nos grandes centros, pesquisar sobre as condições em que as pessoas vivem, é um compromisso histórico do psicólogo, para que se formule cada vez mais novos saberes sobre a realidade que nos cerca e que estes saberes possam impactar e transformar de alguma forma a realidade tão desigual em que vivemos.

A estrutura deste artigo divide-se em uma fundamentação teórica que procura fazer uma análise da vida no capitalismo e sobre alienação, a consequência da vida neste sistema, para que seja explicitado o contexto no qual o trabalho doméstico se desenrola. Posteriormente, explicamos o método por meio do qual realizamos a pesquisa e em seguida fazemos a discussão dos resultados, relacionado a fundamentação de como se vive no capitalismo com as histórias reais das nossas sobreviventes trabalhadoras domésticas. E então concluímos o artigo trazendo mais um pouco da história de Severino (citado por Ciampa) que se assemelha em muitos aspectos com as histórias de Carmem e Joseane (ambos, nomes fictícios).

Fundamentação Teórica

Análise da vida no capitalismo

Este eixo de fundamentação discorre sobre a divisão de classes existente no capitalismo e as consequências que isto traz para a vida das pessoas. No sistema capitalista existem duas classes fundamentais que, segundo Lessa e Tonet (2004), amadureceram após a Revolução Industrial (1776-1830): a burguesia e o proletariado.

A relação existente entre estas duas classes é de dominação, do proletariado pela burguesia. Aos primeiros, resta apenas a venda de sua força de trabalho para os detentores do capital. Para Lessa e Tonet esta é uma nova forma de exploração do homem pelo homem, na qual a força de trabalho, transformada então em mercadoria, adquire uma propriedade única entre todas as mercadorias existentes: a de produzir um valor maior do que ela própria vale, isso quer dizer que o capitalista ganhará o valor da venda da mercadoria produzida pelo trabalhador (obviamente com o lucro incluso) e ainda pagará a este um salário bem menor do que o correspondente à sua real produção, ou seja, o capitalista lucra com a mercadoria produzida e com o produtor da mercadoria. Por estes trabalhadores estarem separados dos meios de produção e dos produtos produzidos, eles perdem a noção do todo e de quanto sua participação é de fundamental importância para esta produção; não se enxergam no que fazem, não vêem seu toque criativo na mercadoria, porque não lhes é permitido mudar (com novos elementos de sua criatividade) o que é para ser massificado, o trabalhador é impedido de mostrar e desenvolver todo seu potencial humano, criativo, autêntico, único. É considerado pelo capitalista como a extensão da máquina, mais um elemento, que é obrigado a cumprir ordens, horários e metas sem poder se cansar, pensar criticamente, sentir profundamente, realizar-se enquanto ser humano na construção de um mundo melhor para o

humano genérico, não, nada disto, não tem a possibilidade de nenhum destes elementos libertadores, quanto mais máquina for, melhor será para o capitalista.

Este tipo de relação de desrespeito às potencialidades do outro, explicitadas até o presente momento, que diz respeito mais ao trabalho fabril, pode ser generalizada para os outros tipos de relação existentes no sistema capitalista e esta afirmação é seguramente verdadeira por ser este um sistema pautado e fundamentado na desigualdade, na exploração e conseqüentemente na opressão (caso alguém se mobilize para tentar modificá-lo).

A vida dentro de um sistema capitalista, sob as bases de uma ideologia neoliberal, cria um grande número de desempregados, condenando muitos à estagnação, além de promover um horizonte de impossibilidades para uma sociedade sob diferentes bases. O sistema capitalista acaba produzindo um contexto em que todas as dimensões das relações sociais são afetadas e subordinadas à exploração econômica – a organização social, a cultura popular, a ética e etc. (Guzzo, 2007a).

A desigualdade passa, portanto, a ser um fenômeno trivial que se normaliza e naturaliza enquanto as pessoas se acostumam a estas condições como parte do cotidiano imutável e fora do controle. Trata-se do fatalismo, considerado por Freire (2000) e Martín- Baró, (1996) como um processo que impede as transformações sociais e abre espaço para a dominação e exploração dos mais fortes para com os mais fracos. Assim, uma efetiva transformação deste estado social necessita que as pessoas se envolvam e se movimentem nesta direção de romper o fatalismo, sobretudo compreendendo a situação estrutural em que diferentes forças sociais se confrontam. Para que estas forças sejam entendidas é preciso conhecer as contradições de cada uma delas e como se influenciam mutuamente.

Esta compreensão é expressa pelo grau de consciência individual e coletiva e que, em psicologia, constituem as dimensões subjetivas da personalidade. Pedro Demo (2005), em seu livro “Dureza: pobreza política de mulheres pobres” analisa que as condições materiais, ou como neste caso a falta delas, direcionam de maneira significativa a consciência política e a conseqüente organização das mulheres trabalhadoras domésticas de sua pesquisa. Analisa que estas mulheres sentem de forma mais persuasiva a destituição material do que a exclusão política; porém os efeitos da pobreza política são muito mais nefastos na medida em que impedem as mulheres de se tornarem agentes de seus próprios destinos, salienta ainda, a função das religiões enquanto contribuintes da manutenção da ordem vigente: “Estão entregues a forças estranhas e externas, nas quais se combinam, classicamente, as prepotências da elite e os apelos religiosos, tendo como decorrência fatal o conformismo perante o futuro.” (p.175). Ainda nesta mesma página, Demo discute a papel destas mulheres enquanto objetos de manipulação dos mais poderosos ao entenderem suas escassas condições financeiras como desígnios ou sina e não como dinâmica histórica cultivada, mantida e manipulada. Ele acredita que a causa dessa pobreza política está no fato de que pessoas com uma carência de recursos materiais muito grande buscam soluções imediatistas de suas necessidades sem perceberem o contexto político da pobreza e por isso não lutam pela necessária transformação da sociedade. Critica os vários tipos de assistencialismos provindos deste contexto, na medida em que estas mulheres tendem a avaliar estes recursos como dádivas do governo e não como direitos que deveriam ter, indaga que esta população recebe restos porque é vista como resto e afirma na página 177: “De um lado, cabe aplaudir nessas mulheres sua garra e vontade de vencer, sacudindo milênios de submissão. De outro, não cabe menos constatar que tudo está contra: O lugar delas é a margem do sistema, recebendo do sistema apenas o imprescindível para sobreviver, se tanto, desde que se mantenham massa de manobra. Este é sempre o preço do assistencialismo”. E analisa que a atual sociedade regulada pelo mercado capitalista não pode ser tolerada, pois depreda não somente a natureza, mas principalmente as pessoas. Discute que uma sociedade que permite esse nível de massa de manobra (do assistencialismo) não tem qualquer dignidade histórica, resultando não só na destituição política dessas mulheres pobres, mas igualmente na insensibilidade da sociedade. Resgata Marx (1973) ao dizer que o capitalismo supera-se, não por força externa, mas pelas contradições de sua própria dinâmica, entre tais contradições encontra-se a politicidade humana, que é a habilidade de fazer história própria e isso se constitui em fator interno da mudança histórica,

de uma história com sujeito, não de uma história de objetos manipulados de fora. E caracteriza o mercado: “O mercado não reconhece sua politicidade, nem a politicidade da sociedade. Por isso, apresenta-se como rocha inconcussa, inapelável, como se fosse uma instância absolutamente fatal. Além de esconder que é apenas meio, oblitera o quanto é manipulado por aquilo que pretende manipular: as tramóias da elite”. (p.178). E acrescenta: “os subalternos são necessários ao prepotente” (idem).

Segundo Demo (2005) as mulheres falavam muito da insensibilidade dos governantes, que deixam os mais pobres à mingua. Mostravam-se cansadas de esperar por apoio e viam nos serviços públicos o descaso ostensivo. Porém, infelizmente, essa denúncia não se transformava em habilidade política de confronto, o que mostra outra face da política social imprescindível para elas: organizar-se coletivamente para fazer luta passível de êxito. Acrescenta ainda: “Embora percebam que são capazes de dar conta de seus problemas domésticos, não se vêem ainda capazes de dar conta de suas vidas, como sujeitos de história própria.” (p.179).

As mazelas do sistema capitalista, como o afastamento da construção de sua própria história, a pobreza política que leva ao conformismo e fatalismo, conforme citado acima, são algumas das conseqüências da sobreposição da necessidade de auto-reprodução do capital sobre as vontades subjetivas humanas; segundo Lessa e Tonet (2004), de acordo com o livro de István Mészáros “Para Além do Capital”, o capital se expressa em uma nova forma de relação entre os homens, que é a mercadoria e tudo o que não consegue se adaptar a ele (capital) é por ele destruído, afirmam: “tudo o que ele toca, ou destrói ou converte em mercadoria” (p.39). Afirmam que o capital é uma relação social que pode ser criada ou destruída, mas jamais controlada. Para Paniago em seu artigo sobre a incontabilidade do capital embasada na obra acima citada, o capital é um “modo de controle metabólico social incontrolável”, mas isto não quer dizer que não possa ser superado ou que inviabilize uma ação humana consciente que se contraponha à sua lógica auto-reprodutiva. (p.2). Paniago, em outro de seus artigos fundamentado em “Para Além do Capital”, que diz respeito ao capital e trabalho, afirma que o capital constitui um sistema sócio-reprodutivo orientado pela expansão e guiado pela acumulação, encontra nesses determinantes sua própria razão de ser e qualquer impedimento ao seu impulso de acumulação expansiva é removido, independente dos recursos empregados e das conseqüências desencadeadas, para tanto, teve que submeter a força de trabalho como condição de realização de seus objetivos acumulativos e se sobrepor a toda vontade subjetiva dos indivíduos, transformando o processo original de produção em autorreprodução de capital. (p.2)

Portanto, este trabalho entende que o papel do psicólogo deve propiciar a compreensão da realidade obscurecida, por meio de processos de conscientização e o fortalecimento de pessoas e grupos que se traduzem pela participação em ações transformadoras. (Guzzo, 2007a), e conforme citação da mesma autora em um trabalho anterior (2005), fica cada vez mais claro o caminho que o psicólogo deve assumir quando, de fato, consegue olhar para a realidade com compromisso, pois “profissionais que enfrentam o contexto de pobreza produzido dentro da sociedade capitalista necessitam de uma nova consciência de humanidade” (2007c, p.1)

Alienação

Este eixo de fundamentação discorre sobre uma das conseqüências mais graves gerada por uma sociedade dividida em classes: a alienação.

Alienação, segundo Lessa e Tonet (2004), é um processo social e histórico por meio do qual a humanidade termina por construir obstáculos ao seu próprio desenvolvimento e que tais obstáculos nada mais são do que a desumanidade de relações sociais produzidas pelos próprios seres humanos. Salientam: “Os homens – e apenas eles – são os responsáveis por suas misérias. Foram os homens que construíram as alienações geradas pelo predomínio do capital na vida social; cabe a eles superarem tais alienações.” (p. 57). Dizem que há vários processos de alienação, alguns que incidem diretamente na esfera da subjetividade e outros que envolvem o conjunto da sociedade,

porém, todos eles têm um fato em comum: o de serem expressões da desumanidade social historicamente criada pelos homens.

Eles usam como exemplo o dinheiro, que inicialmente foi criado para facilitar as trocas entre os homens, atualmente esta relação social se desenvolveu em capital e é a alienação predominante de nossa sociedade. Na época da criação do dinheiro, a produção era voltada para os objetos de consumo do próprio produtor e apenas o excedente era trocado. Com desenvolvimento do comércio e da propriedade privada, esta relação se inverteu, as necessidades comerciais tornaram-se prioritárias e este processo introduziu diferenciações entre os homens, como por exemplo, as classes sociais e com elas, as contradições sociais antagônicas; é assim que as relações mercantis assumem uma enorme autonomia e uma grande determinação do destino dos indivíduos, de acordo com a sociedade burguesa, uma vida de sucesso é a vida de alguém que acumulou riqueza, pois a essência desta sociedade é a acumulação privada de capital e este passa, portanto, a ser o referencial decisivo de todas as esferas de ação dos homens.

Lessa e Tonet (2004) também exemplificam que outra barreira criada pelos homens ao pleno desenvolvimento da humanidade, é exatamente o que foi citado acima, o capital; pois ele é uma relação social que após desenvolvida, passa a dominar toda a sociedade, tornando-a assim, uma sociedade capitalista, que coloca as necessidades humanas abaixo das necessidades de acumulação do capital. E finalizam: “a submissão do ser humano ao capital é um exemplo típico dos fenômenos que Marx e Lukács denominam alienação”. (p.58)

Porém, Mello (1988) mostra que mesmo levando uma vida muito dura na grande cidade enquanto trabalhadoras domésticas, estas mulheres julgam estar em melhores condições do que quando moravam no campo (pois neste estudo a maioria das trabalhadoras domésticas eram migrantes da zona rural para a zona urbana), a autora afirma que tanto em ambiente quanto no outro, elas sobrevivem e as comparações que fazem narram sempre um limite: o da simples existência e da possibilidade de produção e reprodução da vida no interior desse limite; se a noção de sobrevivência reúne as imagens contidas nos conceitos de mínimo vital e social, ela acrescenta a noção de que o *mínimo* só é obtido com um *máximo* de trabalho. Ou seja, alienação destas mulheres em relação às suas próprias vidas tem uma dimensão tão grande que não se sentem exploradas no atual momento por julgarem sua situação anterior pior que a presente, sem interpretarem que são somente situações diferentes de exploração. Toledo (2008) faz uma reflexão acerca da origem da opressão sobre a mulher e afirma que no sistema capitalista “a mulher nasce e é educada para ser oprimida, para saber o ‘seu lugar’ no mundo, que é sempre, em qualquer âmbito, um lugar subalterno. É configurada para aceitar essa condição como se fosse algo natural e, ainda por cima, com um sorriso nos lábios; contido, claro. Essa idéia, que a imensa maioria das mulheres introjeta sem qualquer tipo de questionamento, assenta-se na função maternal da mulher para justificar uma desigualdade entre os sexos e uma posição degradante que elas vêm suportando, com maior ou menor intensidade, desde o surgimento de formas mais ou menos estruturais de exploração entre os seres humanos”. Ou seja, a autora discute a tentativa de transformação de um fenômeno social em natural, servindo, é claro, aos interesses da classe dominante, colocando a mulher como um ser ‘naturalmente frágil, sensível’ em outras palavras, um ser fraco que deve se submeter a um outro ser mais forte, que pode teoricamente lhe proteger, o homem. As opressões estão a serviço da classe dominante, todas as formas de opressão, não somente a das mulheres, mas também a opressão em relação aos negros, aos homossexuais, entre outros, pois elas fragmentam a classe trabalhadora, quando sua força está justamente em sua união. É por isso que é fundamental, para a classe dominante continuar no poder, que exista machismo, racismo, homofobia e todas as formas de discriminação e opressão entre as pessoas, pois assim, cada grupo terá que lutar pelos seus mínimos direitos. O desafio para as pessoas que querem de fato transformar esta sociedade é exatamente unir essas lutas a algo muito maior, a transformação estrutural das bases econômicas e sociais sobre as quais todos esses tipos de desigualdade encontram suporte e fundamentação.

Método

Participantes: fizeram parte deste estudo duas mulheres trabalhadoras, especialmente vinculadas ao trabalho doméstico, apenas duas trabalhadoras pois “na singularidade está também a totalidade” (Ciampa, 2005). Ambas são migrantes do nordeste do Brasil, que migraram buscando melhores condições de vida. Carmem concedeu a entrevista aos 44 anos de idade e Joseane aos 32, esta tem dois filhos pequenos, um por volta dos 7 anos de idade e o outro com poucos meses de vida e está casada. Carmem tem três filhos, dois adultos e um adolescente, e está divorciada.

De acordo com Mello (1988), o serviço doméstico consubstancia-se em pessoas que o executam. Diz que são estas as únicas que, ao narrar sua experiência, podem dar corpo às diferenças e torná-las significativas.

Material: Utilizamos um roteiro de entrevista que, para permitir uma análise dialética, constaram três tipos de perguntas: *descritivas* (por exemplo, como você vive?, quantos filhos você tem?), *estruturais* (por exemplo, que tipo de vida você acha que é melhor para você?) e *contrastivas* (que diferenças existem entre a sua vida e a de sua patroa ou seu companheiro, ou do seu colega, ou do seu professor?), além de perguntas sobre o que pretendem para o futuro. Além disso, foi utilizado um termo de consentimento livre e esclarecido, após a aprovação desta pesquisa pelo comitê de ética da PUC-Campinas³.

Procedimentos de Coleta: Após o consentimento prévio e os devidos esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, as participantes, heterogêneas quanto a características tais como idade, escolaridade, religião, estado civil, além das condições de moradia, foram entrevistadas a partir de um roteiro semi-estruturado.

Procedimento de análise das informações: A entrevista, segundo Haguette (2005), pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. A autora, ressalta porém, que o entrevistador está recebendo meramente o retrato que o entrevistado tem de seu mundo, cabendo ao pesquisador avaliar o grau de correspondência das afirmações com a “realidade objetiva”, diz ainda que as informações de natureza subjetiva estão sempre imersas em reações que devem ser levadas em conta, tais como o estado emocional do entrevistado, suas opiniões, suas atitudes, seus valores que devem ser confrontadas ou complementadas com comportamentos passados e expressões não-verbais, igualmente.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas individualmente. Na análise das informações, foram identificadas categorias de sentido, a partir de temáticas levantadas pelas participantes.

Em seguida, foi estabelecida uma síntese das categorias das duas entrevistas que, analisada conjuntamente, conformaram eixos comuns de análise.

Para análise das duas entrevistas, este estudo tomou o materialismo dialético como referência metodológica, isto significa, segundo Konder (2003), o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. O estudo esteve inserido em uma perspectiva qualitativa de pesquisa, que segundo Haguette (2005), fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, além deste método enfatizar as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser. No caso das trabalhadoras domésticas, isto permite entender quais são os níveis de consciência destas mulheres em relação às suas condições de vida; e o pesquisador deve manter sempre o espírito crítico e autocrítico, que conforme analisa Konder (2003), estas são as características essenciais da dialética e afirma: “assim

³ Pesquisa aprovada como parte de um projeto coordenado pela prof. Dra. Raquel Souza lobo Guzzo.

como examinam constantemente o mundo em que atuam, os dialéticos devem estar sempre dispostos a rever as interpretações em que se baseiam para atuar”. (p. 83). E caracteriza a dialética: “a dialética intranqüiliza os comodistas, assusta os preconceituosos e perturba desagradavelmente os pragmáticos ou utilitários...” (p. 86).

Discussão de Resultados

Neste tópico serão apresentados os quatro eixos análise obtidos nas entrevistas realizadas com Carmem e Joseane e as inter-relações de suas vidas.

Onde tudo começou: a infância e suas marcas...

De acordo com o relato de **Carmem**, teve uma **infância** muito sofrida, trabalhando com seus pais e irmãos na roça desde o quatro anos de idade: “...*catá mamão, tomate, feijão, algodão...*”, o que acabou por impossibilitar seus estudos, porém ela diz que nunca gostou de estudar por achar muito difícil e que consegue fazer tudo o que uma pessoa que sabe ler e escrever faz: “*Hum tudo que um que sabe lê o que eu não sei, eu sei fazê...entendeu? Eu não tenho dificuldade pra viaja, pra fazê crediário em lugar nenhum, eu não tenho dificuldade pra abri conta em banco... Nada disso! Sei assiná meu nome e ta ótimo!*”. Joseane já relata sua infância como sendo tranquila até seus oito anos de idade em que seus pais se separaram. Isso a marcou profundamente, pois ela era muito apegada à mãe, que veio para São Paulo, trabalhar como cozinheira para se sustentar, tendo que deixar, inicialmente, todos os filhos com o seu então ex-marido. Tanto Carmem quanto Joseane são migrantes do nordeste do Brasil e vieram em busca de melhores condições de vida. Carmem morava com seus pais e irmãos na cidade Floresta do Navio próximo a Recife (capital do estado de Pernambuco, região nordeste do Brasil) e quando tinha aproximadamente 13 anos, em meados dos anos 80, veio à passeio para São Paulo acompanhada por seu irmão mais velho e acabou tendo que ficar devido à gravidez de sua cunhada, para ajudá-la nos afazeres domésticos e nos cuidados com a criança. Diz que não tem vontade de voltar porque sua vida melhorou “*um bocado*” quando veio para São Paulo. Ou seja, apesar de ter uma vida muito dura enquanto trabalhadora doméstica, analisando sua história de vida, seus sofrimentos desde a mais tenra idade, quando indagada se mudaria algo em sua vida, diz que não e complementa: “*eu tenho saúde, tenho meu empreginho... entendeu? Na minha casa não falta nada...não falta nada pros meus filhos, não falta o que comer...*”, ou seja, de acordo com suas condições de vida anteriores, consegue oferecer mais oportunidades para seus filhos (sendo que dois deles concluíram o ensino médio- e pararam os estudos- e um em breve concluirá). Joseane veio para o interior de São Paulo aos dezesseis anos de idade e como sua mãe trabalhava na capital deste estado, ela desempenhava o papel cuidadora doméstica desde esta idade, limpando a casa, lavando as roupas dela, da mãe e dos irmãos e preparando comida para todos. Relatou que depois de vir para São Paulo nunca mais retornou ao antigo lar no nordeste e nunca mais encontrou seu pai, somente conversam às vezes por telefone. No estudo que Mello realizou em 1987, o fato de mulheres migrarem para São Paulo se repetia, elas também buscavam melhores condições de vida. Segundo a autora, “as comparações que as mulheres estabelecem entre o lá e o cá têm mais o sentido de revelar a medida desses reajustes do que de adiantar a dimensão de sua própria metamorfose. Lá como aqui elas sobrevivem”.

Condição de trabalhadora doméstica...

Sobre sua condição de trabalhadora doméstica Carmem diz que trabalha: “*Todo dia, o dia inteiro...*”. Muitas vezes, trabalhando em um só dia em duas casas. Quando questionada se existe muita diferença entre sua casa, que julga: “*pequena: sala, quarto, cozinha e banheiro...*”, e a casa das pessoas para as quais trabalha, ela responde: “*Com certeza!!!*”, principalmente em relação ao tamanho das casas. Joseane conta que acorda por volta das cinco horas da manhã, faz café para o seu marido, que em seguida sai para trabalhar, então ela começa o trabalho doméstico em sua

residência antes de ir para a casa de sua patroa e quando continua o serviço doméstico de sua casa, que por sinal tem uma característica fundamental: o de sempre ter que ser feito, sempre tem louças e roupas a serem lavadas, o pó volta a cair nos móveis, o banheiro tem que ser lavado entre outras tarefas; Joseane relata que esta é uma de suas maiores dificuldades: “*trabalhar fora e depois chegar em casa e ter que fazer o mesmo serviço...tem que começar tudo de novo...*”

Na trama da sociabilidade: amigos, família e religião...

Em relação à sociabilidade, Carmem diz que tem alguns amigos legais, mas que querem levá-la para um ‘mal caminho’ e define: “*Caminho da cachaça...*” para o qual não quer ir. Já Joseane diz que não tem tempo de ter muitos amigos, no bairro, por exemplo. Afirma: “*minha amizade maior é com meus irmão mesmo...e minha sogra também...que é pra mim, como se fosse a minha mãe...me ajuda muito...*” ; ou seja, Joseane encontra suporte em sua família e Carmem na igreja, ela frequenta então, uma igreja evangélica duas vezes por semana há seis anos, diz que gosta dos ensinamentos mas não da forma com que as pessoas a tratam e das exigências feitas relativas às roupas que devem ser usadas, diz: “*Esses negócio de roupa, assim...sabe? Povo chique...e eu não sou chique!*” e também acessórios que não podem ser usados: “*...e num pode usá brinco, num pode usá anel...*”. Mas ressalta: “*...eu não vou pelo povo, vou pelo ensinamento...entendeu?*”. Aqui pode-se analisar o papel importantíssimo desempenhado pela religião na subjetividade humana.

Segundo Alves (1999), apesar de a religião ter sido expulsa dos centros do saber científico e das câmaras onde se tomam as decisões que concretamente determinam nossas vidas (ao contrário do que ocorria na Idade Média), quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica é que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem; porém cabe refletir que esta “dor que bate à porta” muitas vezes é fruto de toda exploração e opressão existente no sistema capitalista e também podemos refletir o motivo pelo qual as pessoas têm recorrido a divindades exteriores em vez de tomar sua própria história em suas mãos e ir à luta no sentido de destruir os muros que prendem o fluxo de toda sua energia criativa e libertadora. Segundo Konder (1998), se quisermos libertar o homem de suas ilusões religiosas, precisamos mudar o mundo que tornou necessárias essas ilusões. Não adianta combater o efeito sem modificar a causa.

Falando um pouco sobre o futuro...

Carmem quando indagada sobre o futuro, seus planos, seus sonhos, mostra que quer deixar de ser trabalhadora doméstica: “*Pretendo trabalhar pra mim mesma!*”; quer ter seu próprio comércio: “*Ah eu quero mexer com comida, sabe?*”; está construindo uma casa no terreno que conseguiu comprar com muito esforço e pretende fazer seu comércio na frente da casa: “*...é o que eu quero...já tô fazendo minha casa e vô trabalhá pra mim se Deus quiser!*”. Joseane também está com sua casa em construção e tem perspectiva de estudar e proporcionar estudo aos seus filhos: “*O que eu penso do futuro é...a voltá a estuda, eu pretendo, né...pra dar um futuro bom pros meus filhos...arrumar um serviço melhor, porque assim...é bom, mas assim, um serviço melhor, que ganhe mais, mais tranqüilo...sabe, que não tenha tanta correria...é isso...*”

Esta perspectiva de ter seu próprio negócio segundo Carmem e de voltar a estudar de acordo com Joseane demonstra que para elas o trabalho doméstico é temporário além do meio através do qual elas conseguirão realizar seus objetivos; isto mostra certo avanço em relação a uma visão fatalista e/ou conformista da realidade, presente na maioria da população explorada, que segundo Guzzo (2007b), ao citar Mandel & Novack, analisa que o conformismo e/ou fatalismo são as expressões da falta de perspectiva presente na forma como as pessoas lidam com sua própria vida.

Considerações finais

A vida no capitalismo gera uma série de sofrimentos devido à falta de recursos materiais (financeiros) provindos da desigualdade social. A vida de Carmem, Joseane e Severino (citado por Ciampa, 2005), tem relações entre si e com outras e outros lutadores nordestinos que migraram para os grandes centros fugindo da miséria do sertão. As condições destas pessoas eram tão precárias que isto dificulta a análise sobre as condições vividas nos grandes centros. Carmem e Joseane têm sonhos para o futuro, querem ou estudar ou montar seu próprio negócio. Já Severino, ao longo da viagem, relata que não aconteceu o que ele pensava, devido a tantas misérias que ele encontrou no caminho:

“Desde que estou retirando
Só a morte vejo ativa
Só a morte deparei
Às vezes até festiva
Só morte tem encontrado
Quem pensava encontrar vida
E o pouco que não foi morte
Foi de vida Severina
Aquela vida que é menos
Vivida que defendida” (Ciampa, 2005, p. 34)

Referências Bibliográficas

- Alves, R. (1999). *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola.
- Bruschini, C. & Lombardi, M. R. (2000). *A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo*. (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a03.pdf>)
- Ciampa, A. C. (2005). *A Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Demo, P. (2005). *Dureza: pobreza política de mulheres pobres*. Campinas: Autores Associados.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia do oprimido* (29ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Guzzo, R. S. L. (2005). Escola amordaçada: Compromisso do psicólogo com este contexto. Em A. Mitjás, *Psicologia escolar e compromisso social*. Campinas: Alínea.
- Guzzo, R. S. L. (2007a). *Conscientização, Fortalecimento e Envolvimento em Mudanças Sociais: processos psicossociais contra alienação e fatalismo*. Projeto de Pesquisa CNPq 2007/2009. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS - 2008
- Guzzo, R. S. L. (2007b). *Risco e Proteção: Análise de Indicadores para uma intervenção preventiva*. Relatório de Pesquisa CNPq 2004/2006.
- Guzzo, R. S. L. & Lacerda Jr., F. (2007c). *Fortelecimento em Tempo de Sofrimento: Reflexões sobre o Trabalho do Psicólogo e a Realidade Brasileira*. (Disponível no site: <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP041a5/RIP04125.pdf>)
- Haguette, T. M. F. (2005). *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Konder, L. (1999). *Marx: Vida e Obra*. São Paulo: Paz e Terra.
- Konder, L. (2003). *O que é dialética?* São Paulo: Brasiliense.
- Lessa, S. & Tonet, I. (2004). *Introdução à Filosofia de Marx*. (Disponível no site: http://www.geocities.com/ivotonet/arquivos/Introducao_a_Filosofia_de_Marx.pdf).
- Martín-Baró (1996). *Writings for a liberation psychology* (2ª ed.). Cambridge: Harvard University Press.
- Martín-Baró (1996ª). *O papel do psicólogo*. Revista: Estudos de Psicologia.

- Mello, S. L. (1988). *Trabalho e Sobrevivência: Mulheres do Campo e da Periferia de São Paulo*. São Paulo: Editora Ática.
- Paniago, M. C. S. (2001). *Algumas reflexões sobre mediações políticas e a incontrolabilidade do capital - Segundo István Mészáros*. (Disponível no site: http://www.geocities.com/cristinapaniago/arquivos/Algumas_reflexoes_sobre_mediacoes_politicas_e_a_incontrolabilidade_do_capital.pdf).
- Paniago, M. C. S. (2001). *Capital e Trabalho – uma relação de subordinação hierárquica incontornável e incontrolável*. (Disponível no site: http://www.geocities.com/cristinapaniago/arquivos/Capital_e_Trabalho.pdf
- Toledo, C. (2008). *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo: